

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

FICHEIRO EPIGRÁFICO

(Suplemento de «Conimbriga»)

283

INSCRIÇÕES 934-935



INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA, ESTUDOS EUROPEUS, ARQUEOLOGIA E ARTES

COIMBRA 2025

ISSN 0870-2004

FICHEIRO EPIGRÁFICO é um suplemento da revista CONIMBRIGA, destinado a divulgar inscrições romanas inéditas de toda a Península Ibérica, que começou a publicar-se em 1982.

Todos os volumes estão disponíveis no endereço http://www.uc.pt/fluc/iarq/documentos_index/ficheiro.

Publica-se em fascículos de 16 páginas, cuja periodicidade depende da frequência com que forem recebidos os textos. As inscrições são numeradas de forma contínua, de modo a facilitar a preparação de índices, que são publicados no termo de cada série de dez fascículos.

Cada «ficha» deverá conter indicação, o mais pormenorizada possível, das condições do achado e do actual paradeiro da peça. Far-se-á uma descrição completa do monumento, a leitura interpretada da inscrição e o respectivo comentário paleográfico. Será bem-vindo um comentário de integração histórico-onomástica, ainda que breve.

José d'Encarnação | CEAACP

Toda a colaboração deve ser dirigida a:
fe.revista@uc.pt

Ficheiro Epigráfico | Instituto de Arqueologia | Palácio de Sub-Ripas
Rua de Sub-Ripas 3000-395 COIMBRA | PORTUGAL



UMA ARA VOTIVA NA QUINTA DO CAEDO,
ERVEDOSA DO DOURO, SÃO JOÃO DA PESQUEIRA
(*Ciuitas Meidubrigensium, conuentus Emeritensis,
Lusitania*)

Na Quinta do Caedo, situada a cerca de 14 km da vila de Ervedosa do Douro, foi encontrado, há cerca de 50 anos, um altar de época romana, por altura da realização de obras por parte da família Covas, detentora desta propriedade agrícola. A peça manteve-se ignota da comunidade científica até ao ano transato, quando, por altura das vindimas, foi reconhecida por um dos signatários [LT] e garantida a possibilidade do seu estudo¹. O monumento encontra-se na referida quinta.

É desconhecido o contexto original da peça, sabendo-se apenas que, quando foi identificada e mobilizada para a casa da Quinta, se encontrava junto a um tanque na horta da propriedade (coordenadas geográficas, WGS84: 41° 10' 57.80", 7° 27' 41.60"; altitude: 284 m), situada a cerca de 500m daquele edifício (fig. 1), sendo crível que se relacione com um núcleo de povoamento rural disperso situável nas imediações, dum modelo de ocupação reconhecível no vale do Douro. Durante a investigação e estudo

¹ Agradecemos penhoradamente a Olinda Covas, João Gomes e Norberto Miguel, da Quinta do Caedo, a possibilidade e facilidades concedidas para o estudo da peça. Uma primeira apresentação do monumento foi realizada no âmbito das V Jornadas de Iniciação Científica da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, no passado mês de junho.

da ara, foram igualmente identificadas na cave da casa da Quinta do Caedo duas bases de coluna, uma delas com clara evidência de reaproveitamento em tempo mais ou menos recente (com aposição de dobradiça de ferro), e uma mó manufatura circular.

O suporte está executado em granito de grão fino (62,5x37x32 cm), apresentando sinais evidentes de danos infligidos, quer pela reutilização, quer pela passagem do tempo, sendo trabalhado nas quatro faces e no topo (fig. 2). O coroamento (23x37x31 cm) tem o cimácio definido, em cada lado, por dois *pulilli* cilíndricos lisos e, nas faces anterior e posterior, *fastigia* largos que os primeiros flanqueiam, enquadrando um espaço quadrangular (25,5x25,5 cm) que recebe um *foculus*, relevado e côncavo, de formato oblongo (11,5x19,5 cm) ligado por cordões às partes internas dos frontões (Fig. 2). A cornija é definida por faixa entre ranhuras a que subjaz toro e, na ligação ao fuste (32,5x27x27 cm), uma gola encurtada. A ligação deste à base (11,5x35,5x31 cm) estabelece-se por gola reversa seguida de ranhura. De notar que a organização do cimácio tem paralelo regional, como se pode verificar pela proximidade formal com um altar recentemente descoberto em Goujoim², no adjacente território dos *Coilarni*, revelando uma difusão de convenções plásticas neste setor duriense do norte da Lusitânia que abrange mais de um território cívico.

Apresenta alguns danos especialmente visíveis na face frontal, na aresta do lado direito, no *fastigium* do lado posterior, bem como na base deste mesmo lado, que se encontra lascada extensamente, admitindo-se que parte destas mazelas da parte inferior se tenham devido ao transporte da peça da horta da quinta até ao interior da casa.

O texto da inscrição ocupa a face anterior do altar como é habitual neste tipo de suporte, estando organizado em três linhas, como segue:

I(oui) · O(ptimo) · M(aximo) ·

P(osuit) · A(ram) · REB(urrius)

VLLEIO

² FE 238, 823.

A Júpiter Ótimo Máximo. *Reburrius Vlleio* colocou o altar.

Altura das letras (cm): l. 1-2: 7; l. 3: 5/6.

Margem superior (cm): 3; margem inferior (cm): 7,5;
margem esquerda (cm): 1/2,5; margem direita (cm): 1/7.

Espaços (cm): 1: 1, 5; 2: 0/0,5.

A paginação do texto é pouco rigorosa, disposta mais chegada à parte superior do campo epigráfico e tendencialmente com alinhamento à esquerda, ainda que o ponto de partida das três linhas esteja desconstruído. A composição recorre a capitais comuns, ainda que alguns caracteres denotem influência da capital alongada, designadamente os compostos por formas curvas, como é o caso do P, R e B na l. 2. Na anterior, o I é um simples traço vertical, o O circular e o M apresenta hastes extremas inclinadas e vértice inferior ao nível da base da linha. Na última linha, o recurso a um módulo inferior terá influído numa menor eficiência, destacando-se a irregularidade do O, meio achatado, e as ligeiras inclinações das hastes dos LL de barra estreita, do E e do I, aparentemente impelidas pela haste inclinada do V. A gravação é bem vincada e em bisel, tendo sido dado maior destaque às duas primeiras linhas, mas sobretudo à primeira pelo maior espaçamento entre letras que, em altura, regulam pelas da segunda, que é também a mais extensa das três, ocupando basicamente toda a largura do plano epigrafado. O espaçamento entre as linhas é também desigual, praticamente ausente entre a mediana e a última.

O resultado final da paginação e do trabalho de gravação, não sendo excecional, procurou realizar uma compartimentação do texto sem recurso a translineação, reservando a primeira linha para as siglas que identificam a divindade cultuada, a última para o cognome do dedicante e a intermédia para a abreviatura do seu gentílico, antecedida de outras duas abreviaturas identificativas da ação votiva, opções que tornam esta linha algo confusa, não fora a existência de singela pontuação circular pouco vincada, que também se aprecia após cada uma das iniciais que compõem a primeira linha.

O altar votivo é dedicado a Júpiter na sua feição capitolina oficial, como é frequente nos territórios lusitanos, seguramente em cumprimento de *uotum* realizado. O dedicante está identificado

com *duo nomina* do segundo tipo, isto é, por *nomen* e *cognomen*, ambos linguisticamente de origem indígena: *Reburrius Vlleio*.

A abreviatura do gentílico corresponde com certeza ao antropónimo *Reburrius*, que constitui um gentílico de formação patronímica, ou eventualmente propriamente patronímico, relacionável com a forma indígena *Reburrus*³, apontando para processos de latinização e produção onomástica correntes nas províncias ocidentais do Império, neste caso através do recurso ao sufixo latino *-ius*, característico dos *nomina gentilicia*. A mesma forma encontra-se verosimilmente já documentada, estando o testemunho mais próximo deste de Ervedosa do Douro localizado em Mateus, Vila Real, surgindo identicamente abreviado⁴. Outros testemunhos registam-se, mais a norte e mais a nascente, na mesma província *Hispania citerior*, em San Vicente de Presares, Vilasantar, província da Corunha⁵, e em Ávila⁶, bem como na *Baetica*, em Cádiz⁷. A forma feminina documenta-se no Pópulo Alijó, Vila Real⁸.

O *cognomen* aqui registado constitui um *unicum* ao não ter sido documentado até ao momento, quer epigráfica, quer literariamente. No entanto, será de estabelecer a sua aproximação ao nome indígena *Vllea*, documentado, quer como idionímico, quer como cognome, em várias inscrições na Lusitânia, nomeadamente em *Conimbriga*⁹, em Paialvo, no território de *Seillum*¹⁰, em

³ Vallejo, J. M., *Antroponimia indígena de la Lusitania romana*, Vitoria, 2005, p. 382-398.

⁴ *L. Reb(urrius?) Reburrus*: *HEp* 4, 1994, 1096 e *HEp* 7, 1997, 1261, inscrição originalmente publicada por Le Roux e Tranoy (1984, p. 34, n.º 36).

⁵ *Reburrius Tertius*: *HAE*, 1701 e *CIRG* I, 38.

⁶ *Reburrius*: *XI Congresso Internazionale di Epigrafia Greca e Latina*, 1997, Roma, 1999, vol. 1, p. 788, 16.

⁷ *M. Reburrius Philippus*: *CIL* II, 1876.

⁸ *Reburria Flauina*: *AE* 1985, 575.

⁹ *Vllea Tancini f.*: *CIL* II, 386; *FC* 61.

¹⁰ *Aufidia Vllea*: *AE* 1993, 882.

Idanha-a-Velha¹¹, em Nisa, no território da *Ammaia*¹² e, sem geminação consonântica, em Torre de Santa Maria, Cáceres¹³. Essa proximidade passará pela partilha da mesma origem linguística¹⁴. Neste caso, constituindo forma adaptada ao género masculino com derivação *-ei-*¹⁵.

As terras de S. João da Pesqueira integraram, na Antiguidade, o setor mais ocidental da *ciuitas* dos *Meidubrigenses* (*conuentus Emeritensis*)¹⁶. Vastas áreas deste território cívico lusitano, permanecem ainda hoje mal conhecidas e escassamente documentadas do ponto de vista arqueológico e epigráfico. Todavia, não é este testemunho do culto a Júpiter levado a cabo por um indivíduo com cidadania romana, ainda que plausivelmente autóctone, único nas suas terras.

Na Igreja matriz de Vila Nova de Foz Côa permanece uma ara de granito, com algum desgaste no capitel, devido, talvez, ao seu aproveitamento como pia de água benta, também dedicada a *I. O. M* por indivíduo com estrutura onomástica trinominal, desconhecendo-se o seu contexto original¹⁷. Da *uilla* do Prazo, situada na freguesia de Freixo de Numão, e com uma ocupação comprovada do século I ao IV, procede um fragmento de uma

¹¹ *Iunia Vllea*: Redentor, A., Onomástica e sociedade na *ciuitas Igaeditanorum*, in Edmondson, J. e Navarro Caballero, M., eds., *Onomastique, société et identité culturelle en Lusitanie romaine (ADOPIA I)*, Bordeaux 2024, p. 587-659. *Igaed* 156 (= Sá, A. M., *Civitas Igaeditanorum: os deuses e os homens*, Idanha-a-Nova, 2007), lendo-se insatisfatoriamente *Iunia Vlleae* f.

¹² *Vllea Afuli* f.: *HEp* 2, 1990, 834.

¹³ *Vlea Lubaeci* f.: *AE* 1968, 223.

¹⁴ Para *Vllea*, veja-se Vallejo, J. M., *ob. cit.*, p. 458-459.

¹⁵ Vallejo, J. M., *ob. cit.*, p. 551-552.

¹⁶ Redentor, A. A divisão administrativa romana alto-imperial no vale do Douro: aproximações e incertezas. In *Territórios Esquecidos: o caso do Vale do Douro*. Porto-Alijó: CITCEM e Município de Alijó, no prelo.

¹⁷ *I(oui)* . *O(ptimo)* . *M(aximo)* / *L(ucius)* . *VAL(erius)* . *FL[A]/VINVS / S(oluit)* . *L(ibens)* . *M(erito)*. Brandão, D. P., Ara dedicada a Júpiter na Igreja de Vila Nova de Foz Côa, *Humanitas*, 11-12, 1959-1960, p. 66-70; *RAP* 308 (= Garcia, J. M., *Religiões Antigas de Portugal: aditamento e observações às Religiões da Lusitânia de J. Leite de Vasconcelos – fontes epigráficas*, Lisboa, 1991).

ara votiva em granito de grão fino da região, conservando apenas parte do fuste, recolhido nas escavações de António Sá Coixão realizadas em 1999, com a dedicatória *Ioui* e tendo o dedicante provável estatuto peregrino¹⁸.

O altar da Quinta do Caedo é, assim o terceiro testemunho de culto ao *pater deorum* nesta *ciuitas*. Atendendo à estrutura onomástica duonominal do dedicante, incluindo a abreviatura do gentílico, e à paleografia, é verosimilmente datável do século II d. C.

LARA TEIXEIRA*

ARMANDO REDENTOR**



FIG. 1 – Localização da horta da Quinta do Caedo, donde foi mobilizado o altar.

Base: Google Earth. © L. Teixeira

¹⁸ [- -] SEV/[E]RI F(ili---) / VOVI(t) / IOVI (?) / L(ibens) (?) M(erito) (?). Coixão, A. S., Encarnação, J. d', *Foz Côa romana: notas epigráficas*, Vila Nova de Foz Côa, 1997 p. 5, nº 4; *HEp* 12, 2002, 647.

* Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (estudante do 1º ciclo de Arqueologia).

** Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Interdisciplinares da Universidade de Coimbra – CEIS20.

<https://orcid.org/0000-0002-6459-3285>.



FIG. 2 – Vista anterior do altar. Foto: © L. Teixeira



FIG. 3 – Vista posterior do altar. Foto: © L. Teixeira



FIG. 4 – Vistas lateral direita e esquerda do altar. Fotos: © L. Teixeira



FIG. 5 – Vista do topo do altar. Foto: © L. Teixeira

FRAGMENTO DE LA ESTELA FUNERARIA DE
QUINTUS VETTIUS
 VILLAMESÍAS, CÁCERES
 (*Conventus Emeritensis, Lusitania*)

En uno de nuestros viajes por Extremadura en agosto de 2025¹, recalamos en Villamesías (Cáceres), donde Agustín Pastor Ribote nos mostró “una de nuestras piedras”, cerca de la vivienda que estaba reformando².

El cambio de tendencia en las modas rurales ha permitido que salgan a la luz nuevos epígrafes que, habiendo sido reutilizados en muros de viviendas, están despertando de su sueño de cal.

Tradicionalmente, en la región se enfoscaban y encalaban los muros de las casas en blanco con detalles en colores vivos en puertas y ventanas. Hoy en día, el gusto por la piedra vista hace que, en gran parte de los dinteles de puertas y ventanas, se vean piedras labradas sin encalar. Además, la tendencia en las nuevas reformas es dejar la piedra vista de, al menos, el tercio inferior de la vivienda.

¹ Este trabajo ha sido posible gracias a un contrato Ramón y Cajal (RYC2021-033470-I), financiado por el Ministerio de Ciencia e Innovación y la Agencia Estatal de Investigación MCIN/AEI/ 10.13039/501100011033 y por la “Unión Europea NextGenerationEU/PRTR” y al proyecto Hispania Epigraphica Online – *HEpOl*, financiado por la Universidad de Alcalá (<https://hepol.uah.es>).

² Agradecemos su amabilidad y sabiduría a los vecinos de Villamesías, en especial a Agustín Pastor Ribote, que nos informó de la existencia de la pieza: Purificación Bautista Castro, Antonio Casco Castro, Teresa Bautista García, Ana Belén Muñana y Víctor Rosa.

Este cambio en los gustos locales ha permitido descubrir la inscripción que aquí presentamos, pero esta podría ser sólo la primera de muchas³. No en vano, Villamesías se sitúa en la antigua calzada que unía *Emerita Augusta* con *Caesaraugusta*⁴ y el entorno de la Sierra de la Cruz fue ocupado desde la Antigüedad⁵, como prueban los descubrimientos arqueológicos fortuitos de muy diversa índole⁶ (ajuares fenicios, estelas del Suroeste, etc).

Entre 2018 y 2019, se llevó a cabo la reforma integral de las números 9, 11 y 13 de la Avenida de la Libertad, esquina calle Río Búrdalo, con el objetivo de convertirlas en vivienda unifamiliar. En lugar de practicar un enfoscado integral, se decidió picar, para eliminar restos de cal y yeso y conservar los muros de piedra con nuevas integraciones⁷. En la fachada principal, sita en Avenida de la Libertad 11, se hicieron visibles restos de una lastra con decoración de cruces y bolas⁸, presente en otros lugares del pueblo⁹, reutilizada junto a una grapa de hierro que sostenía la pared. La fachada de la calle Río Búrdalo, de 6,50 m de largo, se cierra con varias piedras de cantería rectangulares en posición vertical. La inscripción que nos ocupa apareció inserta en el muro a 1,87 m de altura y se conserva *in situ* (Fig. 1)¹⁰.

Se trata del fragmento superior de una inscripción funeraria

³ Esperemos que el azar nos permita descubrir más epígrafes en la zona, pero no todas las reutilizaciones documentadas son de época antigua. Ha sido el caso en la calle río Búrdalo 14, reformada en 2025.

⁴ ESTEBAN RODRÍGUEZ (Julio). 2019. “La estela de Calus en Villamesías, Cáceres (Conventus Emeritensis)”, *Ficheiro Epigráfico*, 181: n. 679.

⁵ Mario Roso de Luna propone la existencia de un poblado romano en la Sierra para explicar los numerosos hallazgos epigráficos en los municipios del entorno: ROSO DE LUNA (Mario) 1905: “Nuevas inscripciones romanas de la región Norbense”. *Boletín de la Real Academia de la Historia*, 47: 60-71.

⁶ RAMOS RUBIO (José Antonio). 2018. *Villamesías y su entorno arqueológico*. Mérida: Diputación de Extremadura.

⁷ Agradecemos a los propietarios la explicación del proceso de reforma y restauración.

⁸ Coordenadas geográficas (WGS 84): 39.245185, -5.872714.

⁹ Calle Federico García Lorca 11. Coordenadas: 39.244510, -5.872471.

¹⁰ Coordenadas geográficas (WGS 84): 39.245203, -5.872548.

en granito claro de grano fino (Fig. 2), lo habitual en la localidad. Su localización y roturas no permiten concretar con seguridad su forma. Por las características de los epígrafes funerarios encontrados en el municipio podría aventurarse la posibilidad de que se trate de una estela, comunes en la zona¹¹.

La pieza mide 33,9 cm en su parte superior, 35,9 cm en la parte inferior, 26,5 cm en la parte derecha y 25,3 cm en la parte izquierda. Por su posición en la pared es imposible determinar su profundidad. El monumento continuaba con seguridad por la parte inferior y, tal vez, en la parte superior, donde otras piezas de la localidad presentan un extremo redondeado con motivos decorativos con rosetas o crecientes.

El estado de conservación del fragmento es bueno, lo que permite su lectura. La degradación que han sufrido el resto de las inscripciones aún visibles en las paredes del pueblo¹² hacen pensar que, en los años venideros, su estado podría empeorar debido al material y su reacción ante los líquenes.

Se identifican once letras esculpidas en capital casi cuadrada con un *ductus* irregular distribuidas en dos líneas de texto (3+8) y tres interpunciones redondas (2+1). La altura de las letras de la primera línea oscila entre los 8 y los 7,5 cm; las de la segunda entre los 7 y los 6,7 cm (por las características de su forma, la Q mide 9 cm). Los anchos, como era de esperar, difieren mucho entre ellos y siguen la secuencia: v.1 4,8 cm; 9,4 cm; 3,5 cm / v.2 6,5 cm; 5,2 cm; 2,5 cm; 2,8 cm; 3 cm; 0,4 cm; 4,6 cm; 2,4 cm.

El texto sigue la estructura de las inscripciones funerarias romanas en latín y dice:

D · M · S
Q · VETTIVS

¹¹ Búsquedas realizadas el 19 de agosto de 2025 en *Hispania Epigraphica Online* - *HEpOl* <<https://hepol.uah.es/>> y *Epigraphik-Datenbank Clauss / Slaby* - *EDCS* <<https://db.edcs.eu/>>, complementadas con *Epigraphic Database Heidelberg* - *EDH* <<https://edh.ub.uni-heidelberg.de/>>.

¹² *HEpOl* 32578 = *CILCC* II, 893; *HEpOl* 32581 = *HEpOl* 26239 = *FE* 422. ESTEBAN ORTEGA (Julio). 2012. *Corpus de inscripciones latinas de Cáceres II Turgalium*. Cáceres: Universidad de Extremadura [*CILCC* II].

8 – 7,5 cm

9 – 6,7 cm

D(is) M(anibus) S(acrum) / Q(uintus) Vettius / -----

A los dioses Manes. Quinto Vettio...

La rotura de la pieza afecta ligeramente al trazo recto de la D del v.1, pero no pone en duda su interpretación.

En base a lo que conservamos, se trata de un epígrafe funerario con inicio formular, D(is) M(anibus) S(acrum), que se registra en otras inscripciones de la localidad siempre como DMS y, hasta el momento, nunca como DM¹³.

La paleografía de estas piezas y su iconografía hace pensar en un mismo taller con un tipo de pieza formado por una estela de gran altura, pero no muy ancha, con la parte superior redondeada y decorada con una roseta hexapétala, seguida por las siglas DMS con interpunciones circulares en la que la D es muy característica (ligeramente girada y abombada en su trazo recto), una M de gran anchura y un espacio entre M y S casi el doble que entre D y M¹⁴.

A la fórmula de dedicatoria a los Manes le sigue parte del *tria nomina* del fallecido. Entre la epigrafía de la zona, es habitual que el formulario tenga una estructura onomástica sencilla de *tria nomina* sin filiación, seguida de la expresión de la edad y la fórmula funeraria simplificada¹⁵. En este caso no pueden sacarse muchas más conclusiones ni propuestas al conservar sólo *praenomen* y *nomen* del fallecido.

Vettius es un *nomen* documentado por todo el imperio romano, especialmente en el Mediterráneo central y el *limes*

¹³ HEPOL 23073 = CILCC II, 850; HEPOL 26240 = CILCC II, 890; HEPOL 23318 = CILCC II, 874; HEPOL 33617 = FE 750; HEPOL 20633 = CILCC II, 886; HEPOL 20636 = CILCC II, 884.

¹⁴ La similitud entre nuestra pieza y el tipo que describimos se ve de forma especialmente clara en HEPOL 23073 = CILCC II, 850.

¹⁵ ESTEBAN ORTEGA (Julio) y REDONDO RODRÍGUEZ (José Antonio). 2012b. "Estelas funerarias de Villamesías (Cáceres)". *Ficheiro Epigráfico*, 94: 12-16, nn. 442-443.

europeo (Fig. 6)¹⁶. Su difusión entre las clases altas desde época republicana no permite que nos adentremos en muchos análisis, ya que la inscripción apenas contiene información: la difusión del *nomen* puede deberse a muchísimos factores. Sí es necesario señalar que se trata de un *nomen* bien documentado en la parte final de la vía que comunicaba *Caesaraugusta* con *Emerita Augusta*¹⁷: cuatro casos en Mérida¹⁸, tres en Trujillo¹⁹, dos en Santa Cruz de la Sierra²⁰ (*ager de Turgalium*), uno en Abertura²¹ (parte de la *praefectura Turgaliensis*²²) y el que nos ocupa en Villamesías (parte de la misma *praefectura*). Siguiendo la vía de comunicación por el Guadiana, se documenta un caso más en el *conventus Emeritensis*, en Elvas (Alentejo, Portugal)²³. Existen dos casos más en la provincia de Lusitania, en el *ager de Olisipo* (*conventus Scallabitanus*).

Por todas las consideraciones y paralelos anteriores, la pieza puede datarse entre mediados del s. I y el siglo II d.C.

CRISTINA DE LA ESCOSURA BALBÁS*

ELENA DUCE PASTOR**

¹⁶ Datos extraídos de la búsqueda “Vettius” con todas las variantes de caso en *Epigraphic Database Heidelberg - EDH* <<https://edh.ub.uni-heidelberg.de/>> el 19 de agosto de 2025.

¹⁷ Datos recogidos de la búsqueda “Vettius” en el *Atlas Digital Onomastique de la Péninsule Ibérique Antique - ADOPIA* <<https://adopia.huma-num.fr/es/atlas>> el 19 de agosto de 2025.

¹⁸ *HEpOI* 25672 = *ERAE* 386; *HEpOI* 26399 = *ERAE* 543; *HEpOI* 5375 = *ERAE* 157; *HEpOI* 21582 = *CIL* II, 598. GARCÍA IGLESIAS (Luis). 1973. *Epigrafía romana de Augusta Emerita*. Tesis doctoral: Universidad Complutense de Madrid [*ERAE*].

¹⁹ *HEpOI* 21603 = *CIL* II, 619; *HEpOI* 21620 = *CIL* II, 636; *HEpOI* 21621 = *CIL* II, 637.

²⁰ *HEpOI* 20354 = *CILCC* II, 681; *HEpOI* 25265 = *CILCC* II, 700.

²¹ *HEpOI* 6611 = *CILCC* II, 432.

²² GÓMEZ SANTA CRUZ (Julio). 2010. “*Augusta Emerita* y el territorio de la *Praefectura regionis Turgaliensis* en época de Augusto”. *Gerión*, 35: 49-64.

²³ *HEpOI* 21234 = *CIL* II, 145 = *IRCP* 572.



FIG. 1 – Localización del epígrafe en la pared. Fotografía de las autoras.



FIG. 2 – Fragmento de la inscripción funeraria de Quinto Vettio. Fotografía de las autoras.